

Santificando o meu trabalho: Medicina

Maria tem 28 anos de idade, estudou Medicina e está no primeiro ano da especialização. A força motriz que a levou a enveredar por este caminho foi “querer ajudar os outros e ser uma médica que vê não apenas o corpo das pessoas, mas também a sua alma”.

21/03/2023

“Para santificar o trabalho em primeiro lugar, tento fazer o que devo e fazer isso bem”, diz Maria,

que tem agora 28 anos e estudou. “Quando tenho mais dificuldades, tento encontrar algo nos pacientes à minha frente que me faça lembrar as pessoas que amo e tratá-los como eu as trataria, ou como eu gostaria que as tratassem”.

Maria é a sexta de oito filhos e a sua infância foi cheia de amor e de grande cumplicidade com eles. Os pais são os seus pontos de referência: “O meu pai morreu há três anos, mas está sempre presente na minha vida, ouço-o em tudo. Foi um grande exemplo de profissionalismo no trabalho, de capacidade de fazer amizade e de gratidão. Enquanto que, da minha mãe, tento imitar a sua dedicação à família e a sua generosidade”. Em setembro, casou com Luca: “Conhecemo-nos numa tarde no fim do verão num churrasco com amigos e eu senti-me imediatamente em casa com ele. Temos um projeto de vida em

conjunto e o desejo de construir uma família”.

Sempre foi fã de programas e filmes sobre medicina, mas nunca pensou que pudesse ser a sua profissão. No verão, depois do ensino médio, conheceu uma jovem licenciada em Ciência Alimentar e Nutrição Humana no Campus Biomédico, decidiu iniciar o mesmo percurso de estudo e, graças a disciplinas como Fisiologia Humana e Anatomia, pela primeira vez pensou na possibilidade de estudar Medicina. “A verdadeira força motriz que então me levou a iniciar a Medicina após um percurso de três anos foi o desejo de ajudar os outros e ser uma médica que não vê apenas o corpo das pessoas, mas também a sua alma”.

Atualmente, Maria é residente e roda entre clínicas ambulatórias e departamentos em diferentes áreas. “O aspecto mais difícil é não se

habituar ao sofrimento do outro e não ver o doente apenas como a sua doença, mas ver a pessoa por inteiro”. Ajuda-a nisto o fato de ter estado “do outro lado da cama”: “O meu pai morreu de câncer e quando entro no quarto de um paciente ou falo com um membro da família lembro-me do que se sente. Saber que há sempre uma razão por trás da dor e que ela pode dar frutos faz toda a diferença. O meu pai costumava dizer-me para “não desperdiçar esta dor”, e é uma frase que guardo comigo desde o primeiro dia em que ele disse, mesmo que eu não a comprehendesse totalmente na época. Hoje, do outro lado da cama, gostaria de ajudar os outros a não desperdiçar a sua dor, ajudá-los a enfrentá-la e não me limitar a tratar apenas o corpo”.

Nos momentos mais difíceis, nas provas mais duras ou nas maiores desilusões, voltamos frequentemente

a esta passagem de São Josemaria: “Não esqueçamos nunca: há *algo* de santo, de divino, escondido nas situações mais comuns, algo que a cada um de nós compete descobrir” (*Entrevistas a São Josemaria*, n. 114). “Quando o cansaço se sobrepõe ou a motivação falha – diz Maria – leio estas linhas e deixo de me perguntar o 'porquê' de uma situação e passo para o 'como ou o quê'. Na verdade, tenho estas frases presentes mesmo nos momentos mais serenos e gostaria que fossem luz também para os outros através do meu trabalho”.
